

# **vocação para a igualdade**

**FÉ E DIVERSIDADE NA  
IGREJA BATISTA DO PINHEIRO**

**ORGANIZAÇÃO**

Odja Barros

Paulo Nascimento









## **sumário**

|                                                                           |     |
|---------------------------------------------------------------------------|-----|
| APRESENTAÇÃO                                                              | 7   |
| INTRODUÇÃO                                                                |     |
| A missão eclesial na perspectiva da libertação                            | 25  |
| <br><b>PARTE I</b>                                                        |     |
| <b>Estudos Comunitários</b>                                               | 69  |
| <br>CAPÍTULO 1                                                            |     |
| Diversidade sexual a partir de uma<br>perspectiva bíblica                 | 71  |
| <br>CAPÍTULO 2                                                            |     |
| O relato da Criação do Gênesis<br>e a diversidade sexual                  | 115 |
| <br>CAPÍTULO 3                                                            |     |
| A diversidade sexual a partir<br>de uma perspectiva pastoral              | 149 |
| <br>CAPÍTULO 4                                                            |     |
| A liberdade de repensar a sexualidade<br>a partir dos princípios batistas | 159 |

## **PARTE 2**

### **Olhares e repercussões** 173

#### **CAPÍTULO 5**

Livres, mas nem tanto: as contradições  
no modo de ser batista no caso da Igreja  
Batista do Pinheiro 179

#### **CAPÍTULO 6**

Fundamentalismo religioso,  
intolerância e homofobia 205

#### **CAPÍTULO 7**

Igreja Batista do Pinheiro: broto, flor e frutos 249

#### **CAPÍTULO 8**

Uma carta para os membros da  
Igreja Batista do Pinheiro 261

## **PARTE 3**

### **Vozes da comunidade** 267

#### **CAPÍTULO 9**

Um caminho ainda mais excelente 269

#### **CAPÍTULO 10**

Depoimentos 279

ANEXOS 301

ANEXO 2 307

SOBRE AS AUTORAS E AUTORES 321

## apresentação

Tenho a alegria de apresentar o livro *Vocação para a Igualdade*, uma obra que reflete acontecimentos que se deram às vésperas dos 500 anos da Reforma Protestante e não poderia ter ocorrido num momento mais propício. Inúmeros livros, eventos e conferências se debruçaram no ano seguinte, em 2017, para refletir sobre os postulados históricos e teológicos da Reforma Protestante, no seu quingentésimo aniversário. Mais do que um sentimento de triunfalismo e celebração, o aniversário de 500 anos da Reforma Protestante nos provocou reflexão. Não somente olhamos a Reforma como evento histórico a uma distância de cinco séculos, mas também conhecemos seus vários desdobramentos no decorrer destes séculos, e a forma como tais desdobramentos se deram especialmente no mundo não europeu, num contexto em que o movimento missionário e o projeto expansionista europeu conviveram de forma muito próxima. Não

foi à toa que muitas das reflexões em torno dos 500 anos da Reforma Protestante surgiram como perguntas acerca do seu significado a partir da África, Ásia-Pacífico, América Latina e o Caribe. Tais reflexões não são unidirecionais. Não se trata, por exemplo, de mera aplicação dos princípios de uma reforma que aconteceu no seio do cristianismo ocidental sobre realidades alheias. A pergunta sobre o que a Reforma significou nos contextos principalmente das antigas colônias implica também nas transformações ocorridas a partir da interação onde a fé cristã europeizada se encontrou com outras culturas e foi transformada por elas.

A Reforma foi mais do que um fato histórico. Ela também foi um movimento. Entre outras coisas, a Bíblia, o princípio da *Sola Scriptura*, suas consequentes traduções às línguas modernas ocidentais, sua disponibilização para um acesso mais direto pelo público não especializado, em suas próprias línguas, teve um papel muito importante num contexto onde o surgimento da imprensa acelerou o processo de divulgação da palavra escrita. A Reforma chegou aos povos colonizados principalmente por meio das missões, que se associaram como um braço do processo expansionista europeu. Nas missões protestantes, educar o indivíduo, pelo menos ao nível de torná-lo letrado o suficiente para ler a Bíblia, tornara-se importante. Se o princípio da centralidade da Bíblia é importante para os protestantes em geral, ele foi e é crucial no contexto da evangelização batista.

No entanto, a transmissão do evangelho a partir da cultura europeia para os povos colonizados não aconteceu como um processo de mão única, onde os povos evangelizados passivamente receberam a cultura do evangelizador. Os povos colonizados, sejam eles indígenas ou africanos escravizados e transportados para o chamado mundo-novo e seus descendentes, não foram agentes passivos nesse processo. Suas culturas, embora oprimidas e violentadas, não desapareceram, nem foram substituídas. Elas resistiram, muitas vezes subvertendo a cultura do colonizador que se impunha como dominante, principalmente nos espaços públicos. O resultado disso é que o protestantismo acabou sofrendo um processo de deseuropeização, que se tornou mais evidente na última parte do século vinte e no começo do século vinte e um, quando estudiosos passaram a se referir ao cristianismo no plural, como cristianismos mundiais, salientando assim as diversas formas e expressões cristãs que emergiram não como simples fruto de uma transmissão da fé, mas como de sua tradução a partir de contextos indigenizados, onde a fé crista (protestante, nesse caso específico) foi abraçada a partir dos elementos, símbolos e interpretações das diversas culturas que a interpretavam.

Este livro que apresentamos aqui pode ser tratado a partir desse contexto. No seu centro está uma comunidade cristã de orientação batista, iniciada por missionários brancos norte-americanos na primeira

metade do século vinte, que ganha sua autonomia como igreja local no início dos anos 1970, mas que a partir dos anos 1980 ganha também uma autonomia teológica, passando a se ver primariamente como pertencente ao contexto brasileiro, nordestino e alagoano, ao qual passa a responder de forma mais imediata.

Como nos mostra o belo ensaio introdutório do teólogo e psicólogo Paulo Nascimento, enquanto outras igrejas protestantes no contexto alagoano têm permanecido teologicamente dependentes das missões norte-americanas, a Igreja Batista do Pinheiro (IBP) se emancipou teologicamente, construindo sua própria identidade teológico-política, primeiro, de forma mais embrionária, nos anos 1980, e posteriormente de forma mais incisiva, a partir dos anos 1990. Continuando a se identificar com a tradição batista, surgida no contexto inglês no século dezessete e ideologicamente vinculada ao liberalismo inglês, como nos informa a contribuição do doutorando Alonso S. Goncalves, a Igreja Batista do Pinheiro desenvolve um processo de reflexão teológica que toma seu contexto imediato como prioridade. Tal contexto, cujo retrato é pintado de forma magistral no ensaio introdutório, é marcado por uma injustiça quase inimaginável, que combina a acumulação de propriedade, capital e poder político por algumas famílias herdeiras dos proprietários escravagistas da antiga colônia com um mar de pobreza extrema, no qual vive mais de 60 % da população alagoana, em sua

maioria absoluta descendente de africanos escravizados e dos povos indígenas.

Esse contexto não pode ser perdido de vista quando se lê os diversos ensaios deste livro. É esse contexto que desafia a igreja a uma opção pastoral centrada no amor e compaixão exemplificados em Jesus de Nazaré, como nos mostra o capítulo escrito pelo Pr. Wellington Santos. É em resposta a tal contexto que a IBP se engaja em novas leituras da Bíblia, incluindo a Leitura Popular da Bíblia, herdeira das contribuições da Teologia Latino-americana da Libertação, que desde os anos 1980 passa a integrar a vida da IBP, e atualmente, por meio do papel exercido pela Pra. Odja Barros, tanto na igreja quanto no CEBI, impacta as diversas áreas de ministério da mesma. Na medida em que se aprofunda a compreensão de tal contexto, passa-se a enxergar suas diversas nuances e se entender melhor seus desafios. A pobreza, tão intensa e espalhada, bem como a violência que mata a tantos em Alagoas, é racializada. Assim, a igreja sente a necessidade de refletir sobre questões raciais e cria a Pastoral da Negritude. As mulheres muitas vezes sofrem uma dupla ou tripla opressão. Não só a violência do empobrecimento ou a violência racializada, mas também a violência de gênero. Essa percepção está na origem das Flores de Manacá, como as mulheres organizadas se identificam na IBP. A questão da sexualidade, e mais especificamente da diversidade sexual, que emerge de forma mais proeminente nas páginas deste livro, surge

da mesma forma. A origem é o processo de uma pastoral centrada na justiça, na compaixão e na solidariedade, inspirada pelo exemplo de Jesus de Nazaré, que remete a uma releitura da Bíblia a partir da realidade marcante e cheia de contrastes de Alagoas, e, conseqüentemente, um constante atualizar teológico.

À luz deste processo, ousa dizer que estamos diante de um dos mais importantes livros lançados no contexto do protestantismo brasileiro nos últimos anos. Quero apresentá-lo aqui como uma conversa com várias vozes, movimentos e direções. Trata-se de uma coletânea de textos que se complementam, formando um mosaico de riqueza e beleza insuperáveis.

O título escolhido, com ênfase nas palavras *vocação* e *igualdade*, representa bem o espírito do livro. Seria difícil capturar toda a sua beleza se focalizássemos apenas um tema. Não há dúvida de que os acontecimentos que culminaram na decisão da IBP de aceitar pessoas de diferentes orientações sexuais como membros plenos, não discriminando ninguém, e a subsequente resposta da Convenção Batista Brasileira (CBB), excluindo a igreja do seu rol de membros, são centrais para o livro. Mas o tema da sexualidade, e as considerações que levaram às decisões da igreja, bem como análises da resposta da CBB, não dizem tudo sobre esse livro. Não se trata, por exemplo, de um manual ou compêndio sobre sexualidade. Enquanto reflexões bíblicas e teológicas são parte do livro, elas se tornam mais ricas se lidas a partir

do desejo de se tentar entender como uma comunidade cristã no nordeste do Brasil tem sido capaz de enfrentar questões e desafios que outras igrejas podem considerar complexos, e o que se pode aprender no diálogo com este processo.

Esse livro se apresenta para mim como uma conversa, que a princípio pode ser percebida como uma conversa em família, para a qual pessoas amigas de perto e de longe foram convidadas, e que de repente ganha a atenção de outros públicos. Embora uma situação histórica em particular esteja no centro do que a trouxe para a atenção de um público maior, essa conversa não é nova, nem provocada por tal questão. Trata-se de uma conversa que já vem acontecendo há mais de trinta anos. Tal conversa tem a ver com a busca contínua por parte de uma comunidade cristã identificada com a tradição batista por uma compreensão viva e renovada de sua fé e missão num contexto social, político e cultural específico, o qual contribui de forma contundente para a formação identitária desta mesma comunidade religiosa.

Uma das razões para a distinção deste livro é que ele emerge do humano, da experiência vivida no contexto de uma comunidade concreta. Emerge, portanto, da vida em comunhão salientada de forma tão veemente por Dietrich Bonhoeffer, que acreditava que a fé cristã só poderia ser vivenciada plenamente no contexto da comunidade, onde relações humanas e relações entre o humano e o divino tomam forma.

Então, esse livro não é apenas um outro discurso sobre sexualidade. Trata-se de uma conversa que reflete diversas facetas de um processo meticuloso que levou a Igreja Batista do Pinheiro a ser a primeira igreja batista no Brasil a abraçar de maneira clara, explícita e formal — no seu estatuto — a população LGBTI. É um processo voltado para as pessoas, onde as questões não são apenas suposições teóricas, desencarnadas, desassociadas do ser e das relações pessoais, possíveis de ser respondidas com jargões banais. Como este foi um processo que envolveu toda a igreja, diversas vozes se articulam e se expressam nos textos a seguir. Não falam apenas os pastores da igreja — que não se pode negar, tiveram um papel importante neste processo de liderança, acompanhamento, pastoreamento, paciência e discernimento —, mas também diversos membros da comunidade, além de outras vozes externas, parceiras que se somam a partir de uma posição de aprendizado, troca, testemunho, companheirismo e solidariedade.

Textos mais acadêmicos se misturam com testemunhos cheios de vida que emocionam por refletirem as reações de quem encontrou ou viu aceitação, amor ou um abraço, num contexto onde, infelizmente, muito mais comumente se encontra rejeição, exclusão e discriminação. Tais histórias têm faces, nomes e cheiros. Júlio Farias, cujo ato de se afirmar gay pouco antes do batismo, em 2006, deu início a todo esse processo, não é apenas um caso, uma nota de rodapé. Ele torna-se

sujeito, com sua própria voz, nesse processo; não apenas como um dos protagonistas do processo no contexto da igreja, mas também como ativista gay lutando contra o preconceito e a intolerância na sociedade alagoana, e, portanto, agindo como uma voz crítica dentro e fora dos espaços religiosos.

Esse livro é, portanto, produzido com as pessoas desta comunidade real em mente. Elas não somente estão presentes entre as vozes que emergem em vários dos capítulos que se seguem. Elas são também o público mais imediato para o qual o livro fala. Nisso ele também se diferencia. Ao passo em que a audiência é ampla, podendo alcançar regiões diferentes do Brasil e até pessoas e comunidades no exterior, outras igrejas, estudantes, pensadoras e pesquisadoras de várias disciplinas, esses sempre serão um público secundário, que se beneficia da conversa que ocorre primeiramente no contexto de uma comunidade concreta.

Daí, prioriza-se a linguagem das pessoas a quem o texto engaja mais diretamente. Gente para quem a Bíblia é importante, tanto como livro religioso quanto como texto cultural. No contexto do nordeste do Brasil, evangélicos, católicos, participantes de outras religiões e mesmo pessoas que não se identificam com qualquer religião, têm uma reverência única pela Bíblia. No Nordeste, não é incomum, por exemplo, se encontrar em lares os mais diferentes possíveis a Bíblia aberta na sala de estar. A Bíblia, portanto, precisa ser tratada com seriedade

num contexto como o deste livro. Daí a importância do belíssimo estudo do texto bíblico escrito pela pastora e doutoranda Odja Barros. Tratando o texto bíblico com toda seriedade, ela não se acomoda a respostas simplistas ou fáceis. De forma magistral, ela expõe a futilidade, superficialidade e irresponsabilidade do chamado literalismo bíblico, aprofunda a compreensão dos textos e contextos analisados, enriquecendo seus sentidos a partir de uma abordagem que desmonta toda pretensão de neutralidade, assumindo, portanto, a perspectiva de uma realidade concreta e particular. Tal abordagem jamais se fecha em si mesma. Nem tampouco pretende ser mais do que é, ter validade absoluta ou final. Ela apenas abre portas e lentes, que mais leitores e leitoras continuarão a explorar a partir de suas próprias localidades e de seus próprios corpos.

O texto bíblico torna-se fonte de vida e sabedoria, não de normas acorrentadoras. A contribuição de Marcos Monteiro, pensador batista nordestino, traz um alento extraordinário para o leitor do texto bíblico, pois transforma a morbidez de narrativas comumente associadas com as lentes dos censores religiosos na beleza poética que torna o texto bíblico fértil e criativo. Marcos se move do bíblico para o teológico, com perguntas importantes sobre o tema do pecado, que deveriam ser mais pensadas, porque, quando refletidas, demonstram a inconsistência de posições comumente aceitas no contexto das igrejas evangélicas.

Engana-se quem pensar que o livro se limita ao tema da diversidade sexual. Nos ensaios sobre o tema, muitas outras temáticas importantes surgem, como discussões sobre liberdade, igualdade, tolerância, respeito, identidade, gênero, raça, preconceito, ecumenismo, relações inter-religiosas e interculturais, e compreensões de religião, sociedade e estado, entre outras. O leitor se delicia com importantes informações históricas, como o texto introdutório oferece, análises bíblico-teológicas, análises de processos históricos, e testemunhos e textos comparativos que mostram que apesar da natureza contextual de toda experiência humana e de toda produção de conhecimento humano, temos uma ambição universal que se evidencia na nossa capacidade de relacionar nossas experiências com outras, independente de vivermos em sociedades e culturas diferentes.

O historiador e teólogo Luis Rivera-Pagán traz, por exemplo, o seu contexto porto-riquenho para a conversa, demonstrando como o fundamentalismo religioso, mesmo que manifestando-se de forma particular em diferentes contextos, permanece um problema transcultural. Seu capítulo mostra como o fundamentalismo cristão em Porto Rico tem exercido um papel protagonista na discriminação contra as pessoas de orientação não heterossexual.

Sim, esse livro fala a várias audiências, de perto e de longe, religiosas ou não. Mas inegavelmente, ele tem algo

importante a dizer para a comunidade evangélica que sofre com a ignorância e a omissão de suas lideranças sobre esses temas, e a partir dela para a sociedade como um todo. Como já disse, o livro emerge a partir de uma conversa interna no contexto concreto de uma comunidade. Mas esta comunidade não existe de forma isolada. Trata-se de uma igreja batista, que até recentemente pertencia à Convenção Batista Brasileira. Está em seus anais e história, mesmo que tenha sido sumariamente excluída de sua membresia devido ao medo e à intolerância da liderança da CBB para com o tema.

Como mostra o doutorando Alonso Gonçalves, o processo que culminou na decisão de batizar pessoas LGBTI, e que consequentemente gerou a reação intolerante da CBB, ocorreu dentro dos trâmites próprios de igrejas batistas. Abraçando a centralidade das Escrituras Sagradas, a questão foi estudada e debatida à luz da Bíblia por uma década. Mudanças de cunho administrativo foram processadas de forma democrática e até mesmo burocrática, culminando com uma Assembleia Geral, dentre outras, que como voz majoritária numa igreja cuja forma de governo é congregacional, decide-se formalmente não fazer aceção de pessoas. Um processo longo e participativo. Um exemplo de processo democrático. A paciência e o respeito pelos devidos processos, frutos da consciência da importância histórica do que estavam fazendo, foi uma das grandes virtudes da liderança da igreja e de seus pastores nesse processo. Talvez a IBP tenha tido que pacientemente

caminhar por dez anos para tomar esta decisão a fim de que outras igrejas e comunidades não precisem de tanto tempo para fazer o mesmo. Essa igreja foi, com o perdão da palavra, desbravadora. O caminho foi criado. Portanto, há um acesso agora, anteriormente não existente, que pode inspirar outras igrejas batistas e de outras denominações sem que precisem passar pelos mesmos passos e processos.

A impaciência e insegurança da liderança da CBB que culmina com a precipitada exclusão da IBP de sua membresia não resulta em isolamento. Já marginalizada há algum tempo, em virtude das opções históricas feitas ao longo da sua caminhada, a IBP nunca cedeu ao isolamento. Encontrou novas redes e parcerias, ajudando a criar alternativas para outras comunidades sofrendo processos de marginalização. Assim, foi uma das primeiras igrejas a formalizar sua membresia na Aliança de Batistas do Brasil, fundada em 2005, tornando-se um dos pilares desta emergente rede de batistas, a primeira a ocupar espaços ecumênicos no Brasil e na América Latina, aproximando-se de organizações como a CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviço), o CLAI (Conselho Latino-americano de Igrejas) e o CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs).

Por tudo isso, a conversa interna da família batista do Pinheiro ganha uma exterioridade importante, passando para o âmbito público. A exterioridade e publicidade são consequências da coragem profética desta comunidade, bem como da opção por prioridades

que enxergam estar em linha com as que veem no ministério de Jesus. Importou mais responder à dor e ao sofrimento das pessoas discriminadas por causa de sua orientação sexual do que preservar sua membresia na maior convenção batista da América Latina. Ousou refletir sobre temas até então evitados, ignorados ou condenados. Teve a coragem de responder às questões levantadas por aqueles e aquelas que lidam com tais questões em seu dia-a-dia e em seus próprios corpos, sem trégua ou descanso. Tais pessoas não vivem em bolhas. Elas são membros de famílias onde podem encontrar amor ou, mais comumente, rejeição. São estudantes e profissionais que sofrem as consequências e os traumas do preconceito e da marginalização, muitas vezes sendo preteridos e preteridas em oportunidades de crescimento profissional. São cidadãs e cidadãos cujos direitos são cerceados sem que tenham cometido nenhum crime ou mal contra a sociedade. São seres humanos que têm que se autovigiar e muitas vezes se esconder pelo medo de sofrerem bullying, ou de entrarem na estatística da violência que acomete de modo cruel as pessoas identificadas como LGBTI. Portanto, transformar a discussão inicialmente privada, pertencente ao contexto de uma comunidade religiosa autônoma, numa conversa pública é consequência da natureza pública da questão tratada. Aliás, essa publicidade se torna essencial quando a privacidade está na raiz da questão, especialmente quando tratamos

da homoafetividade. A sociedade que não tolera a comunidade LGBTI, que discrimina, espanca e mata para “lhes dar uma lição”, não tem problema com essas pessoas enquanto elas permanecerem caladas, escondidas, no armário. A diversidade sexual sempre esteve presente nas igrejas, sendo muitas vezes tolerada, desde que nada se passasse ou fosse dito em público. O mesmo acontece no seio das famílias, principalmente as da alta sociedade, e também em outros setores da sociedade. O silêncio custa a sanidade das vítimas, tornando-se um preço muito alto a pagar para serem aceitas como pessoas — ou como meia pessoa, como me dizia um amigo que sofreu com isso por anos no contexto de igrejas evangélicas. Há pastores que se consideram “mais evoluídos” (homens em sua maioria) por aceitarem a presença de pessoas homoafetivas na igreja, desde que elas vivam em abstinência. Hipocrisia, injustiça e crueldade que têm adoecido e levado à morte um sem número de pessoas não heterossexuais oriundas destes contextos.

Não posso esquecer um jovem que conheci há muitos anos, líder do “ministério de libertação” numa igreja pentecostal, numa das capitais do país. Eu o vi em ação, “expulsando demônios.” Vivia na igreja, estava presente em tantos cultos de oração. Era querido e respeitado. Até que um dia sua homossexualidade foi exposta para o seu pastor, que imediatamente o expulsou da igreja, para evitar “contaminação”. Seu “problema” foi

tratado como demoníaco. Acabou numa outra igreja onde lhe prometeram uma “libertação verdadeira” e lhe asseguraram que não voltaria a pecar. Inicialmente feliz e empolgado com a promessa, aquele jovem não suportou e cedeu à tentação. “Pecou.” Posteriormente, descobriu ser portador do HIV. Deprimido, confuso e revoltado, morreu abandonado e esquecido num leito de um hospital público. Um dos seus líderes espirituais mais implacáveis assumiu sua própria homoafetividade tempos depois. O silêncio, a ignorância e a opressão vinculadas a este tema têm causado muita dor, sofrimento e morte. Obviamente, alguns casos são transversalmente agravados quando combinados com racismo, pobreza e outras formas de discriminação.

A coragem da Igreja Batista do Pinheiro de falar em público (para além de si mesma), e nos convidar a participar desta conversa, além de ser fruto de grande generosidade, amor e fé, resulta de seu inabalável compromisso com a justiça. Em tempos quando o número de pessoas LGBTI mortas no Brasil ultrapassa a casa dos trezentos por ano (casos registrados, sendo que os números permanecem crescendo a cada ano), e o Brasil é descrito como um dos lugares mais perigosos do mundo para uma pessoa LGBTI viver, o silêncio torna-se cúmplice da violência e do ódio. A voz profética da IBP, portanto, é um convite para outras igrejas também saírem do armário. É também inspiração para que pessoas LGBTI nas igrejas vejam que não há nada de errado com elas, ou no fato de alguém se identificar como LGBTI e cristão.

Enfim, as próximas páginas proporcionam uma leitura riquíssima, repleta de informações, esclarecimentos, reflexões, análises e reconstruções que dificilmente deixarão seus leitores intactos. Nesse sentido, tenho que dizer que se trata de um livro perigoso que pode acabar sendo vilipendiado, rasgado ou até queimado por pregadores irados e inseguros. A história demonstra, no entanto, que esses são os livros que mais têm a dizer, e que mesmo quando sofrem repressão, dificilmente são calados ou varridos para debaixo do tapete da história, ainda mais na era da Internet e das mídias sociais. Este livro é um testemunho vivo, uma semente de alento e esperança que simboliza a possibilidade de novas realidades. Em tempos tão áridos e nebulosos não tenho dúvida de que a leitura deste livro trará alento para um número enorme de pessoas dentro e fora das comunidades evangélicas.

Pessoas LGBTI que conheço no contexto de igrejas evangélicas têm me dito que desejam ser tratadas como gente, não como questões. A equipe pastoral da Igreja Batista do Pinheiro entende isso. Esse livro terá muito mais valor se esse também for o espírito de quem o lê.

Tenho a satisfação de ter construído uma amizade de muitos anos com os pastores Wellington Santos e Odja Barros. Eles têm liderado a caminhada da Igreja Batista do Pinheiro por mais de 24 anos. Lembro da primeira vez que conversamos sobre questões de sexualidade na igreja. Foi no ano de 2002. Eu, no meio do meu programa de doutorado, estava de férias no Brasil. Era plena Copa do

Mundo. Com as nossas famílias assistimos à final da Copa juntos. Entre uma conversa e outra, a sexualidade emergiu como “questão”, de forma abstrata e hipotética. Mesmo sem as mesmas convicções que tem hoje, o Pr. Wellington já propunha uma conversa que o moveria adiante. A lógica do seu argumento à época já convidava a tratarmos as pessoas homossexuais da mesma forma como tratamos as demais pessoas na igreja. Aquela preocupação pastoral que ele demonstrava ali, 17 anos atrás, se tornou importante no processo que se desenrolou mais tarde, quando se materializou no contexto concreto da atividade pastoral no seio da comunidade. Meu desejo é que a leitura deste livro tão rico funcione como aquele bate-papo despretenso entre dois casais amigos após uma final de Copa do Mundo, produzindo reflexões, práticas e relações humanas nas quais o amor e a justiça se materializem.

Como dizia o querido Rubem Alves, este é um livro para se degustar. Saboreie suas palavras. Esta importante conversa tem o potencial de gerar transformação, relações mais sadias e amorosas, e uma espiritualidade mais profunda e desafiadora, que contribua para produzir espaços inclusivos por meio dos quais uma sociedade mais justa venha a se formar.

*Raimundo C. Barreto Jr.*

## introdução

# A missão eclesial na perspectiva da libertação

*Paulo dos Santos Nascimento*

## **Maceió: “cidade síntese” dos dilemas globais**

A cidade de Maceió, capital do estado de Alagoas, no nordeste do Brasil, é hoje considerada um dos pontos turísticos mais valorizados do país. De fato, esta cidade costeira, assim como todo o estado de Alagoas, conta com um litoral privilegiado, marcado por belezas naturais muito peculiares que atraem, todos os anos, pessoas de todo o mundo. Atualmente, Maceió tem uma população de um pouco mais de 1 milhão de habitantes, estando entre as maiores cidades do nordeste brasileiro. Se forem consideradas as dez cidades situadas em sua região metropolitana, essa população salta para cerca de